

Evento: XX Jornada de Extensão

**PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES¹**
**PEDAGOGICAL PRACTICE IN NON-SCHOOL SPACE: CHALLENGES AND
POSSIBILITIES**

Djanini Rigol Pinno², Jordana Perkoski Dumke³, Lídia Inês Allebrandt⁴

¹ Relato de prática pedagógica desenvolvida na disciplina Práticas Educativas em Espaços Não Escolares do Curso de Graduação em Pedagogia da Unijuí.

² Aluna do Curso de Graduação em Pedagogia da Unijuí, djaninipinno@outlook.com.

³ Aluna do Curso de Graduação em Pedagogia da Unijuí, jordanadumke@hotmail.com.

⁴ Professora Mestre do Departamento de Humanidades e Educação da Unijuí, lidia@unijui.edu.br.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda os resultados e discussão de uma prática pedagógica desenvolvida em um Lar do município de Ijuí, uma entidade civil, filantrópica, sem fins lucrativos, vinculada a uma entidade religiosa, civil, sem fins lucrativos. O Lar acolhe crianças e adolescentes carentes, órfãos e abandonados, que tenham seus direitos ameaçados ou violados, e que são encaminhados através do Conselho Tutelar ou do Juizado da Infância e Juventude. Atualmente abriga 14 crianças com idade de 3 meses a 16 anos, que foram retirados de suas casas e esperam a reorganização por parte de sua família ou destituídos e que esperam a adoção responsável.

A prática pedagógica alicerçou-se em estudos e reflexões acerca dos direitos das crianças e adolescentes, bem como as especificidades sociais de cada sujeito acolhido. Teve como objetivos alargar os horizontes acerca de nossa identidade profissional no âmbito da educação não formal e possibilitar que as crianças e adolescentes reconheçam seu papel no mundo e junto àquele grupo que se encontram, resgatando o lado humano e reconhecendo os direitos dos sujeitos.

METODOLOGIA

A prática pedagógica se deu em três momentos: inserção na instituição - conhecendo a entidade e os sujeitos; elaboração e desenvolvimento de um projeto de prática social e educativa; e análise e reflexão da experiência através do presente trabalho. Realizamos uma breve pesquisa sócio antropológica para conhecer os sujeitos e seus contextos, assim como a escuta sensível dos sujeitos e a proposição de práticas educativas pensadas a partir de seus interesses, os colocando como protagonistas com desejos e anseios que necessitam ser respeitados e valorizados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreendemos a prática pedagógica em espaços não escolares, segundo Veiga (1994), como uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. Assim, elaboramos e desenvolvemos nosso projeto com ênfase na visão de Freire (1996) ao enfatizar que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a

Evento: XX Jornada de Extensão

sua própria produção ou sua construção.

Gohn (2010, p. 19), em seus estudos e na busca dessa conceituação do não formal no caminho pelas mudanças e transformações sociais, amplia o conceito de educação não formal afirmando:

[...] que é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas e acrescenta: a educação não formal, ao contrário não é herdada, é adquirida. Ela capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimentos sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar é construído como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades dos que participam.

Entidades de educação não formal como o Lar visam o desenvolvimento das potencialidades das crianças e adolescentes, por meio de atividades voltadas para especificidades deste grupo. De acordo com a legislação (Lei 8.090/90 art.4 - ECA) o atendimento socioeducativo deve ser realizado por meio de “ações articuladas nas áreas de educação, saúde, assistência social, cultura, capacitação para o trabalho e esporte”, de acordo com os princípios do ECA.

Conforme explicitado na metodologia, nossa prática foi dividida em três momentos, os quais se alicerçam nas ideias de Silva e Perrude (2013, p. 54), segundo as quais existem elementos a serem considerados em relação ao trabalho em espaços de educação não formal, sendo eles:

1 - conhecimento da realidade da comunidade com a qual irá trabalhar; 2 - necessidade de propostas que contemplem objetivos pedagógicos explícitos com relação ao ato educativo; 3 - observação das necessidades da comunidade envolvida, numa proposta fundamentada e sempre sistematizada; 4 - clareza da ação - É preciso que se explicitem, num processo de conquista, também os pressupostos da ação do educador (compromisso social e político); 5 - refletir em conjunto com a comunidade sobre a necessidade da luta para manter e conquistar novos direitos, desenvolvendo trabalhos que contemplem o tema cidadania; 6 - desenvolver o trabalho junto à comunidade, com apoio de outros profissionais e instituições presentes e também líderes comunitários; 7 - utilizar-se de metodologias de pesquisa adequada e que visem transformações sociais; 8 - identificar-se com a questão e a comunidade com a qual irá trabalhar.

Adentrar na realidade oposta à que vivemos torna-se algo complexo, sendo necessário respeitar as particularidades do ambiente e de seus sujeitos, conhecer sua história, finalidades, leis e propostas. Esta tarefa exige tempo e dedicação, gerando, no decorrer da trajetória, implicações que precisamos saber mediar para realizar um trabalho que busque transmitir segurança e

Evento: XX Jornada de Extensão

empatia a todos os envolvidos.

As dificuldades encontradas para a efetivação da prática foram inúmeras, bloqueio de ideias, incompatibilidade de horários, inconsistência climática, porém, a mais desafiadora de todas, foi encontrar uma abertura de diálogo, principalmente com jovens. Pensar em um planejamento com crianças de 4, 5 anos foi tranquilo: contação de histórias, oficinas, brincadeiras, rodas de música, todas ações que renderiam ótimas conversas e aprendizagem. Entretanto, quando nos deparamos também com jovens de 14, 15 anos, compondo o grupo da instituição, perdemos o foco por um segundo, nos vimos perdidas, sem saber que ponto de partida seguir. Sabemos que jovens não são fáceis de entreter e agradar, ainda mais quando envolve aqueles que vivem num contexto familiar abalado, a situação torna-se mais delicada, exige diálogo constante, interação e, acima de tudo, amorosidade de ambas as partes. Partindo desse pressuposto, procuramos formas de nos aproximarmos desses jovens para conhecê-los melhor, saber seus gostos, um pouco mais de sua personalidade e possibilitar que também nos conhecessem, saber o porquê de estarmos ali, quais eram nossos objetivos, ideias, propostas.

Para nós era muito importante mostrar o quão significativo era estarmos conversando com eles, demonstrando a relevância que tinha para nós a realização de uma prática bem-feita, isto é, relacionado com o lado humano, afinal, estávamos fora de nossa zona de conforto, precisávamos de apoio e compreensão deles para mediar nossas ações. Quando algo está fora de nosso controle temos a tendência de nos assustar e, muitas vezes, tomamos atitudes impulsivas, apenas com o propósito de acabar logo com o “sofrimento”, porém, quando respiramos e pensamos com clareza, as ideias fluem e tendem a modificar nossas vidas.

E foi assim, entre inúmeras respiradas, que conseguimos encontrar a abertura que tanto almejávamos, realizamos, então, uma tarde de conversas maravilhosas, que inicialmente começou encabulada, porém, com o passar do tempo e a distribuição de picolés, foi revelando aspectos fundamentais para a construção de nossa proposta, que, sem percebermos, já havíamos começado no momento em que nos sentamos com todos para conversar. O diálogo nos permitiu conhecer a rotina das crianças, seus gostos e preferências, nos elencou pontos importantes sobre a instituição e, acima de tudo, nos fez conhecer um outro lado de atuação do Pedagogo, que nunca havíamos visto e que mexeu muito conosco.

Foi através desta roda de conversa que encontramos o norte para nossas próximas ações, sendo uma delas, talvez a mais complexa de todas, mas que com certeza foi a mais gratificante. Em meio aos questionamentos, realizados com as crianças quanto as possíveis propostas para realizarmos juntos, surgiu a ideia de uma sessão cinema no Lar, com filme e pipoca, todos ficaram bem entusiasmados com a ideia de sair um pouco da rotina proposta pela instituição. Havia apenas um percalço em nosso caminho, a estrutura para olharmos o filme era muito debilitada e não surtiria o êxito esperado por todos.

Pensando em outras formas de implementar a ideia do filme no Lar, surgiu a hipótese de colocar um telão no pátio, porém, a previsão do tempo estava contra nós, o que dificultou ainda mais a realização de nossa principal ação. Precisávamos encontrar uma forma de atender ao pedido das crianças e ao mesmo tempo ocorrer de uma maneira significativa para todos. Eis que surge uma nova ideia, talvez a mais ousada já pensada por nós. Por que não levar as crianças ao cinema da cidade? Seria incrível se não fosse tão sistemático, porém, quando há crianças envolvidas, é

Evento: XX Jornada de Extensão

necessário sim que haja maior entendimento e precaução.

Corremos em busca de valores de ingressos, transporte, disponibilidade de horários e, finalmente, encaixamos tudo como deveria ser. Contamos com apoio de voluntários para o transporte das crianças o que facilitou muito nosso deslocamento. Acreditamos que palavras nenhuma sejam capazes de expressar o que sentimos e vivenciamos naquela manhã, o olhar de felicidade e satisfação das crianças nos fez pensar como vale a pena estudar e saber pelo que o por quem estamos lutando.

O simples gesto de propor um filme fora do ambiente cotidiano das crianças e jovens nos deu (e acreditamos que a eles também), um sentido de felicidade, sentimento de acolhimento e pertencimento a um ambiente que, talvez, não teriam outra oportunidade de desfrutar. Fomos agraciadas com sorrisos e palavras de agradecimento por parte de todos, tanto crianças como funcionários do Lar, pela oportunidade dada as crianças, mas mal sabem eles que aquelas que mais saíram ganhando com a atitude foram nós, sensação de bem-estar comum e igualitário.

O diálogo com os pais sociais foi outro ponto que nos motivou a querer conhecer mais o trabalho desenvolvido pelo Lar, a sabedoria e entendimento que possuem sobre essas crianças e jovens é de se encantar, poderíamos passar tardes somente ouvindo seus relatos de experiência com cada um. O conhecimento da história de vida de cada um, o sentimento de tristeza por não poder fazer mais, mesmo doando-se por inteiro, mexe com nosso emocional. É difícil assumir esse compromisso sem se afeiçoar, e quando a despedida chega a partida é dolorosa, mas necessária.

Todos deveriam tirar um tempo de suas vidas para conhecer esses sujeitos e suas histórias, procurar saber quem são os profissionais por trás destas instituições, pois são seres iluminados de amor e força de vontade em lutar pelo bem-estar das crianças ali presentes. Vimos que não é fácil administrar uma casa cheia de crianças e adolescentes, mas com a rotina estabelecida e o apoio fraternal que depositam nelas, com certeza, estão fazendo a sua parte e indo além.

Cada visita e cada conversa foi desafiadora, pois nos remeteu às novas realidades não tão belas como vistas até então, isso nos fez sair do foco escolar, pensar em ações que realmente pudessem modificar e trazer alegria para aquele grupo, de maneira que quando pensassem em nós, sentissem alegria e não desconforto ou timidez. As visitas não foram fáceis, mexeram com nosso emocional, mas acima de tudo, nos fizeram questionar quanto ao tipo de pessoa que somos e queremos ser e que profissionais estamos nos tornando. Será que estamos nos doando por completo ou apenas acomodadas com a rotina escolar? Com relação à vida pessoal, será que nossos problemas são tão grandes que não podemos nos doar um pouco à essas crianças e jovens ou às demais instituições que precisam da presença e apoio de um Pedagogo? Acreditamos que o questionamento é o ponto chave para que o resultado da prática realmente se efetivasse positivamente. Se tivéssemos saído sem dúvidas, com certeza, seria porque não nos entregamos por completo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o primeiro contato com a instituição já nos sentimos desafiadas, pois a maioria dos sujeitos eram adolescentes, grupo com o qual não estamos habituadas a trabalhar, mas o desafio maior refere-se ao desenvolvimento de uma prática pedagógica fora do âmbito escolar. Todavia, os estudos acerca da educação não formal em espaços não escolares e a escuta sensível dos sujeitos

Evento: XX Jornada de Extensão

nos deram confiança para elaborar o projeto e desenvolver a prática.

Considerando os direitos das crianças e adolescentes, visamos proporcionar situações de ensino-aprendizagem voltadas para a ludicidade, convívio social e desenvolvimento cognitivo. Buscamos respeitar as peculiaridades e necessidades de cada um, trabalhando na perspectiva de seu pertencimento a um contexto social e cultural no qual seus saberes e desejos são valorizados. Falamos em ensino aprendizagem por se tratar de uma troca, proporcionamos a eles momentos em que possam desenvolver suas potencialidades e, em troca, compreendemos sua cultura a partir de seu contexto social.

Hoje podemos falar que a prática desenvolvida foi de grande relevância para a nossa formação como futuras pedagogas, pois “sair da caixinha”, que é o ambiente escolar, nos instigou a refletir sobre a importância e o papel de nosso exercício profissional na educação não formal, na qual o pedagogo atua como transformador social, balizado por princípios éticos, humanos e sociais.

Ouvir os desejos e anseios de cada e perceber seu envolvimento e brilho nos olhos durante o desenvolvimento das proposições nos permitiu olhá-los como sujeitos únicos, com histórias únicas e potencialidades distintas. Nos sentimos instigadas a repensar nossa prática na esfera escolar, pois, muitas vezes, para seguir o currículo e desenvolver todas as atividades propostas deixamos de considerar o lado humano e subjetivo das crianças e jovens.

Palavras-chave: Criança; Adolescente; Educação não formal; Pedagogo.

Keywords: Child; Adolescent; Non formal education; Pedagogue.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e educador social:** atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Lucia Ferreira; PERRUDE, Marleide Rodrigues. **Atuação do Pedagogo em Espaços Não-Formais:** algumas reflexões. Revista Eletrônica Pró-Docência: vol.1, n.4, jul-dez. 2013.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de Didática.** 2. ed. Campinas, Papirus, 1994.